

LEITURA ORANTE DA BÍBLIA

Penha Carpanedo, PDDM

1 O retorno da Palavra

Um dos aspectos mais importantes da vida espiritual nestes anos pós-conciliares é a redescoberta da Palavra de Deus. Há muito tempo a palavra tinha sido exilada da vida da Igreja e da vida cotidiana dos fiéis. Este exílio só foi interrompida pelo movimento bíblico e pela reforma litúrgica que abriu a possibilidade de celebrar na própria língua e reformou os lecionários com extraordinária inteligência espiritual. Com o Concílio Vaticano II assistimos a uma epifania da Palavra. A Palavra não é só um caminho para chegar ao sacramento, mas ela própria é sacramento, pois nela Cristo se revela, quando na assembleia em oração, se proclama as Escrituras.

Contudo, tal reforma, requer por parte da Igreja a capacidade de voltar a ler a bíblia, a descobrir nela a Palavra de Deus que desperta e alimenta a fé e de redescobrir a liturgia como lugar da sua hermenêutica. A *lectio Divina* é um meio poderoso para dar profundidade espiritual às celebrações litúrgicas, durante, antes, depois.

Eis porque a Constituição do Concílio sobre a Revelação Divina, a *Dei Verbum*, recomenda ao povo de Deus a **leitura frequente e assídua, estudo apurado, acompanhado de oração** (cf. *Dei Verbum* 25):

É necessário, que todos os clérigos e outros que, como os diáconos e os catequistas, se consagram legitimamente ao ministério da palavra, mantenham um contacto íntimo com as Escrituras, mediante a **leitura assídua** e o **estudo aturado**, a fim de que nenhum deles se torne “pregador vão e superficial da palavra de Deus. por não a ouvir de dentro” (4), tendo, como têm, a obrigação de comunicar aos fiéis que lhes estão confiados as grandíssimas riquezas da palavra divina, sobretudo na sagrada Liturgia. Do mesmo modo, o sagrado Concílio exorta com ardor e insistência todos os fiéis, sobretudo os religiosos, a que aprendam “a sublime ciência de Jesus Cristo” (Fil. 3,8) com a leitura frequente das divinas Escrituras, porque “a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo” (São Jerônimo). Debrucem-se, pois, saborosamente sobre o texto sagrado, quer através da sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por outros meios que se vão espalhando tão louvavelmente por toda a parte, com a aprovação e estímulo dos pastores da Igreja. Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser **acompanhada de oração** para que seja “a Ele falamos, quando rezamos, a Ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos” (Santo Ambrósio).

Sem dar o nome, trata-se da *lectio Divina* ou leitura orante da Bíblia.

2 Herança de nossos pais e mães na fé

Este jeito orante de ler a bíblia vem do povo de Israel, da maneira como este povo reconheceu em sua trajetória humana os passos de Deus e mais tarde os transmitiu na Escritura. Uma vez escrita, quando proclamada, esta palavra tem a força de colocar o povo na presença de Deus e de torná-lo atento aos seus sinais no dia a dia da vida (cf. Neemias 8).

Foi esta também a experiência das primeiras comunidades cristãs, que tão bem souberam fazer a ‘leitura pascal da vida’, à luz das Escrituras, antes de relatá-la por escrito. Nesta leitura, o mais importante é perceber que a Palavra é o próprio Cristo que se faz companheiro no caminho e se dá a conhecer (Lucas 24,13-35).

Para os nossos antigos pais e mães da Igreja, a *lectio divina* era um método de ler a bíblia à luz da fé, e não havia separação entre o estudo e a oração. O texto sagrado, recebido na liturgia como Palavra de Deus, era lido pessoalmente, à luz da fé, para encontrar-se com a Palavra, o Verbo de Deus, Jesus Cristo crucificado-ressuscitado. **Orígenes**, grande estudioso da bíblia no terceiro século, mostrou a partir da sua experiência, que o estudo não dispensa a fé e a fé não dispensa o estudo. Sem falar de método, lembra que o estudo da Escritura inclui de forma inseparável a leitura, a meditação e a oração. E isso fez parte da estrutura interna da Igreja, até que a liturgia oficiada em latim, tornou-se inacessível ao povo. A liturgia deixou de ser a casa da Palavra e o lugar da sua interpretação à luz da fé. O estudo da escritura passou para o ambiente da escola, e facilmente se tornou objeto de especulação intelectual.

No século XII, Guigo, um monge cartuxo, escrevendo ao seu amigo Gervásio, sistematizou o método, que ele praticava no mosteiro. Guigo fala de um processo em quatro etapas: **ler, meditar, orar, contemplar**.

Esta carta de Guigo se tornou conhecida entre nós, graças a um pequeno livro de Carlos Mesters “A Leitura Orante da Bíblia” na coleção “Tua Palavra é Vida”. Hoje, estamos reaprendendo a ler a bíblia valendo-nos dos ensinamentos de Guigo e ao movimento de leitura popular da Bíblia, promovido pelo CEBl.

3 Os passos do Método da leitura orante

A leitura orante é um método que tem **4 passos** que conduz da leitura atenta do texto bíblico à escuta da Palavra de Deus, na bíblia e nos acontecimentos da vida.

1º passo - leitura

O primeiro passo é tão determinante que deu nome ao método (*lectio divina*). Trata-se de Ler e reler, calmamente, até ter o texto “no coração”. Ler como se fosse a primeira vez, procurar compreender o que o texto diz em si mesmo: observar palavras-chave, imagens, personagens, ações, sentimentos. Se durante a leitura ocorrer a lembrança de outro texto bíblico, ou de um fato da vida, seguir atentamente o que vem à memória... Entrar em relação com o texto e, por meio dele, com quem fala texto.

Vamos ao texto, com a sede de um peregrino. E devemos despojar-nos de todo saber sobre o texto.

Krisnamurti, um filósofo indiano sugere uma atitude de leitura, muito apropriada para a leitura orante:

Espero que vocês ouçam, mas não com a memória do que já conhecem; e isto é muito difícil de fazer. Você ouve uma coisa e sua mente reage imediatamente com seu conhecimento, suas opiniões, suas conclusões, suas memórias passadas. Ela ouve querendo uma compreensão futura. Apenas observe a si mesmo, como você está ouvindo, e verá que é isto que acontece. Ou você está ouvindo com uma conclusão, com conhecimento, com certas memórias, experiências, ou você quer uma resposta, e está impaciente. Você quer saber o que é tudo isto, o que é a vida, a extraordinária complexidade da vida. Não está realmente ouvindo. Você só pode ouvir quando a mente está quieta, quando a mente não reage imediatamente, quando há um intervalo entre sua reação e o que é dito. Então nesse intervalo há uma quietude, há um silêncio onde existe compreensão, que não é compreensão intelectual. Se há uma lacuna entre o que é dito e sua reação ao que é dito, nesse intervalo, se você observar, surge a clareza. Esse intervalo é o novo cérebro.¹

Enquanto se lê, pode ser que um versículo chame a nossa atenção. Alessandro Borban faz uma distinção entre “**versículo de cabeça**” e o “**versículo de coração**”. O “**versículo de cabeça**” é aquele filtrado pela nossa racionalidade, nossa compreensão imediata, nossas memórias. Hoje em dia gostamos muito de emitir nossa opinião sobre tudo. O versículo de “**cabeça**” coincide com o já dito, o já explicado, digamos, o lugar comum. O “**versículo do coração**”, é algo inédito, surpreendente, que não tínhamos percebido antes, ou não tínhamos percebido ainda desta maneira. O versículo do coração é um dom que necessita de uma atenção na escuta: “atenção como escutais” [LC 8,18]² Por isso um propõe-se escutarmos o evangelho à noite, antes de ir dormir, porque durante a noite ele entra em contato com nosso inconsciente.

2º passo - meditação

A meditação não é tempo de silêncio, nem exercício de ioga. Isso pode ser bom antes, para favorecer uma postura física correta.³ Na meditação a escuta transforma-se em interpretação. Não uma interpretação fundamentalista, que não leva em conta o contexto de quem escreveu o texto, nem as questões humanas que motivaram uma tal narrativa. Trata-se de uma interpretação que leva em conta o autor, o contexto, a questão vital a que o texto responde. Meditar é “sintonizar-se com aquela experiência do divino que se deu em forma de dom e de apelo no primeiro e no segundo Testamento”.⁴

Na leitura orante o ponto de partida da meditação é o “**versículo do coração**”. Num primeiro momento não conseguimos decifrar, nos sentimos como Moisés diante da sarça em chamas. Este arbusto que queima sem se consumir é algo totalmente novo para Moisés. Moisés se move em relação a ele, para ver melhor. Quando uma palavra nova se manifesta começa dentro de nós um movimento espiritual.

À medida que individualizamos a Palavra, deixando que outros textos da escritura até mesmo da liturgia, iluminem este texto, começa um êxodo pessoal e nossa mente se abre à inteligência das Escrituras [Lc 24,45]. A partir desta individuação e deste discernimento à luz de outros textos, a Palavra cresce. O tempo da meditação não se reduz só aquela meia hora que estabelecemos. Aquela meia hora, é importante, requer disciplina para manter, mas a meditação se dá durante toda a jornada.

Em nossas atividades permanecemos à espera de faíscas daquele texto como Palavra. Isso acontece de improviso enquanto se trabalha. É aí que a vida se esclarece à luz da Palavra. O texto se abre para nós e os nossos sentidos se abem à compreensão da letra [assumir os sentimentos de Cristo].⁵

Às vezes é na liturgia que a memória do coração é despertada por uma palavra. O texto se abre a nós e os nossos sentimentos se abrem ao texto. Assumir os sentimentos de Jesus.

Muito esclarecedor é o que diz Nicoletto citado por Barban:

Começas a colocar tua atenção em uma palavra, em um versículo, em uma pericote e ela te introduz em outras salas, espalha-se por toda a bíblia, as literaturas, os grande mitos e símbolos da

¹ textoskrishnamurti.com.br/cérebro

² Alessandro Barban. O Caminho espiritual da lectio divina. No livro *Como água da fonte: a espiritualidade monástica camaldolense entre memória e profecia*. São Paulo Edições Loyola, 2009, p. 174.

³ Cf Borban, p. 174-175

⁴ Borban, p. 174-175

⁵ Cf. Borban, p. 177

humanidade, e depois envolve as interpretações e as experiências às quais aquelas imagens deram vida. Estende-se ao presente da tua vida, te eleva talvez ao coração inexaurível da energia criadora e amante”.⁶

Ou conforme diz a carta aos Hebreus: “A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; penetra até dividir alma e espírito, juntas e medulas. Ela julga as disposições do coração. E não há criatura oculta à sua presença. Tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem devemos prestar contas” (Hebreus 4,12-13). Este encontro vital aquece o coração, faz brotar um silêncio amoroso que conduz à oração.

3º passo - oração

As duas palavras que dão nome ao método, em português, é “Leitura” e “orante”. De fato, a **leitura** é a chave, o **segredo** é a oração.

Quando nos sentamos para iniciar a leitura, não o fazemos sem antes invocar o espírito de Deus, sem nos colocar diante de Deus, sem estabelecer uma conexão entre a alma e o corpo [respiração] para colocar-nos diante de Deus com todo o nosso ser.

Cada passo do método não é um compartimento estanque. O modo de ler, de escutar já é oração.

A meditação requer que busquemos concordâncias, que façamos aproximações, ligações com outros textos que iluminam, tudo isso já é acompanhado de oração. Usa-se a inteligência, mas o que está no princípio e no fim é a fé, a oração.

Mas há um momento em que entramos no espírito e na atitude do texto: a palavra entrou em nós e é devolvida a Deus em forma de oração. Deus se dá a mim na Palavra que li com atenção e com todo entendimento; agora eu dou-me a ele na oração. Mais do que palavras, a oração é uma entrega a alguém que está bem junto de mim: “se alguém guardar a minha palavra eu e o Pai viremos e faremos nele morada”.

Há um 1º nível de oração que emerge das profundezas de nosso ser. Depois de uma escuta cuidadosa a palavra nos faz ficar diante dele como o publicano da parábola que só sabe repetir: “Senhor, tem piedade de mim pecador”. A Palavra ilumina os recantos da alma, nos faz descer, reconhecer-nos em nossa verdade, seja ela qual for, e escutar o nosso próprio grito. O nosso grito transformado pela Palavra se torna oração graças ao Espírito que ora em nós. É ele que dá voz ao nosso grito silenciado.

Mas há um segundo nível da nossa oração: A voz do Espírito que habita o núcleo mais secreto do nosso ser nos encarrega do grito do outro. Não de um outro genérico, anônimo, mas de um amigo, de um inimigo, de um povo, de uma situação concreta... Nos sentimos como aquele amigo que bate a porta para pedir pão para o amigo que chegou em sua casa.

Importante neste lugar de conexão com o profundo de nós, colocarmos as pessoas que amamos, e também as que ainda não amamos bastante. E não só oração de súplica, mas oração de ação de graças como nos ensina Jesus: “eu te louvo, Pai, porque escondeste o reino dos sábios e revelaste aos pequeninos”.

4º passo – Contemplação

A palavra contemplação vem carregada de uma compreensão que a situa fora do mundo. O contemplativo seria aquela pessoa que se separa do mundo e se dedica ao silêncio da contemplação. Mas a contemplação à qual se chega pela escuta da Palavra é a inteligência das Escrituras que [Lc 24,44-49] que insere no mundo, em meios aos desafios, para ali, discernir os caminhos. A contemplação é o que a palavra realiza em nós.

⁶ Alessandro Barban. O Caminho espiritual da lectio divina. No livro *Como água da fonte: a espiritualidade monástica camaldolense entre memória e profecia*. São Paulo Edições Loyola, 2009, p. 177:

4 Como fazer ?

a) Um tempo e um lugar

- Todo método supõe disciplina. Assim a leitura orante requer a regularidade da hora marcada, e de em lugar determinado.

- Antes de começar a leitura, prepare o ambiente, acenda uma vela... Encontre uma posição confortável, acalme-se de toda agitação, preste atenção aos próprios sentimentos, pensamentos, preocupações... Deixe que volte ao coração acontecimentos, pessoas, situações... Entregue tudo ao Senhor. Em atitude de fé, invoque o Espírito Santo, pois é ele que 'perscruta todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus' (cf. I Coríntios 2,10-12).

b) Que texto tomar para a leitura

Recomenda-se, também, não escolher o texto aleatoriamente e nem segundo critérios pessoais. Um precioso esquema é oferecido pela Igreja no lecionário dominical e cotidiano (leitura diária), partindo sempre do evangelho. Outra possibilidade é a leitura contínua de um livro da Escritura. Pode ser de acordo com o ano litúrgico: Isaías no advento, o êxodo na quaresma, os Atos dos apóstolos no tempo pascal, o evangelho de Marcos no tempo comum do ano B e assim por diante. E pode ser a partir de outras motivações, por exemplo, o livro escolhido a cada ano para o mês da bíblia.

c) Técnicas que podem ajudar:

Ler o texto muitas vezes até memorizar; transcrever o texto; sublinhar palavras ou frases que chamam a atenção; comparar diferentes traduções. Concentrar toda a atenção na leitura; se ocorrer uma distração retomar do início. Não ceder à tentação de interromper a leitura para atender a qualquer solicitação que seja e nem terminar antes do tempo estabelecido. Ser fiel ao local e à hora marcada a cada dia.

d) Prestar atenção ao contexto litúrgico

Na leitura é importante prestar atenção ao contexto do texto... Por isso é importante usar a bíblia, que nos permite verificar o que veio antes. Ler uma texto de Mateus, é diferente de ler uma perícopie do evangelho de João ou de Marcos. Além do contexto bíblico, para quem segue a liturgia diária como referência, sobretudo a do domingo, é importante prestar atenção no contexto litúrgico [o domingo, uma solenidade especial, as demais leituras].

Texto complementar

Sobre a Palavra, fonte inexaurível de vida – De Santo Efrém – século IV:

Que inteligência poderá penetrar uma só de vossas palavras, Senhor? Como sedentos a beber de uma fonte, ali deixamos sempre mais do que aproveitamos. A palavra de Deus, diante das diversas percepções dos discípulos, oferece múltiplas facetas. O Senhor coloriu com muitos tons sua palavra. Assim, quem quiser conhecê-la, pode nela contemplar aquilo que lhe agrada. Nela escondeu inúmeros tesouros, para que neles se enriqueçam todos os que a eles se aplicarem.

A palavra de Deus é a árvore da vida a oferecer-te por todos os lados o fruto abençoado, à semelhança do rochedo fendido no deserto que, por todo lado, jorrou a bebida espiritual. Comiam, diz o Apóstolo, do alimento espiritual e bebiam da bebida espiritual.

Se, portanto, alguém alcançar uma parcela desse tesouro, não pense que este seja o único conteúdo desta palavra, mas considere que encontrou apenas uma porção do muito nela contido. Se só esta parcela esteve a seu alcance, não diga que essa palavra seja pobre e estéril, nem a despreze. Pelo contrário, visto que não pode abraçá-la totalmente, dê graças por sua riqueza. Alegra-te por seres vencido, não te entristeças por te ultrapassar. O sedento enche-se de gozo ao beber e não se aborrece por não poder esgotar a fonte. Vença a fonte a tua sede, mas não vença a tua sede a fonte. Pois, se tua sede se sacia sem que a fonte se esgote, quando estiveres novamente sedento, dela poderás beber. Se, porém, saciada tua sede também se secasse a fonte, tua vitória redundaria em mal.

Dá graças, então, pelo que recebeste. Pelo que ainda restou e transbordou não te entristeças. Aquilo que recebeste e a que chegaste é a tua parte. O que sobrou é tua herança. Se, por fraqueza tua, em uma hora não consegues entender, em outras horas, se perseverares, poderás recebê-lo. Não te esforces, com maligna intenção, por beber de um só trago aquilo que não pode ser tomado de uma vez. Não desistas, por indolência, de tomá-lo aos poucos.